

Agradecimentos

João (03)

Resolvi deixar de publicar, a partir da presente data, meus poemas semanais aqui no BOCA. A explicação para esta decisão é que este ano de 2005, mais precisamente 27/02, criei um BLOG com minhas "poesias". Com isto, estava tendo um duplo trabalho: sempre que vou postar algo seja no meu BLOG, seja no BOCA, faço uma seleção do poema a ser publicado, e sempre reviso os poemas, na tentativa de lapidá-los, e corrigir possíveis erros gramaticais. O trabalho estava sendo duplo, porque os "poemas" postados no BLOG não são os mesmos publicados no BOCA pela simples razão de publicar no BOCA desde 2003 e no BLOG a partir deste ano. E alguns dos meus poemas preferidos já foram publicados no BOCA e não iria repeti-los. Para otimizar meu tempo, resolvi passar a publicar meus poemas apenas no meu BLOG, decisão que já havia tomado na data de criação do meu BLOG (27/02) e vinha postergando. Gostaria de fazer um agradecimento de coração a Comissão Organizadora do BOCA, a todos os integrantes que passaram pela comissão de organização dos anos de 2003, 2004 e 2005 (anos em que publiquei meus poemas), em especial, a Patrícia (03), Jonas (02), que permanecem membros da Comissão desde que comecei a publicar até os dias de hoje, a José Israel (01) um grande incentivador em divulgar meus poemas, e ao funcionário Bossi, já que sou fã de seus poemas, é uma das minhas fontes de inspiração. Gostaria de deixar o endereço do

meu BLOG, se alguém tiver interesse em ler meus poemas: <http://poesiasdecoracaoealma.zip.net>

BOCA

Dois anos e meio de divulgações, porta de entrada à diversificadas publicações, janela aberta à minhas livres expressões, veículo que me propiciou expressar emoções.

Comissão Organizadora sempre a trabalhar, seleção do listão a publicar, paciência oriental ao diagramar, reuniões, visando o jornal, aperfeiçoar.

Nenhuma queixa a registrar, Meus poemas jamais censurados, Tolerância com alguns envios meus atrasados, Mar de rosas a elogiar.

Não há falhas para se repreender Comissão Organizadora impecável, veículo de expressão amável, só tenho o que agradecer.

Namorar

Sinto algo tão forte por você que me faz flutuar, sonhar, sorrir, cantar e até mesmo te namorar sem que você perceba, pois o que é namorar?

Edson Dantas (Negão)

O guardador de carros do estacionamento do jumbo da 502 sul é meu amigo

(isso é poesia? pergunta um membro qualquer da academia...)

só sei que o sorriso dele é poesia. a gentileza dele é poesia. o sofrimento dele é poesia.

o seu não é.

Nicolas Behr

Enviado por Thais M. (04)

Se não querer estar sempre perto um do outro, sentir saudades mesmo estando perto, querer que o outro volte mesmo antes de partir,

pensar no reencontro antes da despedida, sentir a presença mesmo estando longe; Namorar é poder e ter a coragem de dizer para o outro o que sente

é querer que o namora e principalmente a amizade não se acabe é fazer com que o amor que está entre os dois aumente a cada instante do dia;

Namorar, é mais que beijar, mais que abraçar, mais que seduzir e transar; Namorar é as vezes querer que tudo aconteça através da química do toque é amar incessantemente.

E é por todos estes motivos que me declaro também ser Seu namorado, quem sabe o verdadeiro!!!

Feliz dias dos NAMORADOS

COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA

Bruno Aquino (05), Dailza Pineda (04), Guilherme Valente (04), Janaina Klinko (05), João Bosco (05), Jonas Boni (02), Karina Schmidt (04), Leandro Salebian (05) e Patrícia Ferreira Rabaça (03) e Thais Mariana (04).

Diagramação: Jonas Boni (02)

Reprografia: José Carlos de Carvalho e Maria Betânia da C. Grangeiro.

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word.doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais, tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A C. O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 12h00min, à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. PARTICIPE!!!

Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. Não é esse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja. Gostaria de ajudar - se possível - judeus, o gentio... negros... brancos...



Charlie Chaplin – enviado por Dailza (04)

Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo - não para o seu infortúnio. Por que havemos de odiar ou desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode

prover todas as nossas necessidades.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. *A cobiça envenenou a alma do homem... levantou no mundo as muralhas do ódio ...e tem-nos feito marchar a passo de ganso*

teligência, emperdenidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas duas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido. (...)

TESES E DISSERTAÇÕES

Bosco (05)

CANDIDATA: ELAINE CRISTINA CATÃO

Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Título da Tese: AUTOPERCEPÇÕES DE CAUSAS DE SUCESSO E FRACASSO E SENSO DE AUTO-EFICÁCIA E SUA INFLUÊNCIA NO DESEMPENHO ESCOLAR NUMA AMOSTRA DE ESTUDANTES DE 3ª E 4ª SÉRIES

Defesa Pública: 17 de junho de 2005, às 14h

Local: Sala 14 do Instituto de Psicologia

CANDIDATA: CRIS FERNANDEZ ANDRADA

Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA SOCIAL

Título da Dissertação: O ENCONTRO DA POLÍTICA COM O TRABALHO: HISTÓRIA E REPERCUSSÕES DA EXPERIÊNCIA DE AUTOGESTÃO DAS COOPERADAS DA UNIVENS

Defesa Pública: 17 de junho de 2005, às 14h

Local: Bloco 23, Anfiteatro do Instituto de Psicologia

Para mais informações: <http://www.usp.br/ip/posg/>

Os caminhos do BOCA

Nessas últimas semanas várias foram as polêmicas que giraram em torno do Boletim do Centro Acadêmico. Com a intenção de esclarecer pontos ainda confusos no que diz respeito ao BOCA e, principalmente, construir coletivamente um debate sobre a função desse periódico na psico e seus rumos, o CAII e a CO estão organizando duas discussões sobre o assunto. A primeira delas pretende reunir os estudantes para conversar

sobre os últimos acontecimentos e iniciar a discussão sobre a função do nosso Boletim. Essa atividade acontecerá dia **17/06** (sexta próxima) **às 14h. no gramado em frente à biblioteca.** A segunda delas, que está marcada para o dia **20/06** (segunda próxima) **às 14h. também no gramado,** pretende acrescentar a esse debate o posicionamento dos professores e dos funcionários do IPUSP.

Participe das atividades e venha enriquecer a discussão!!!

A Utopia do Intelectual, aonde tudo começou.

Diego Caleiro (05)

Durante esse semestre, escrevi Utopias, nessas próximas três semanas encerro o meu processo utópico com uma utopia que escrevi alguns dias antes de entrar na USP, a única que não foi dirigida ao BOCA, e portanto, que reflete mais aquilo que eu carrego comigo na bagagem da vida. Com Vocês, A Primeira, e mais longa, parte da TRILOGIA, A Utopia do Intelectual

O relógio quântico marcava 2334 zits na estação do trem-bala, apenas dois zits de atraso. Zietzsche caminha calmamente pela estação, pensativo. De súbito, um germânico lhe para, e o orienta em Fuegian algumas equações da curva de desvio padrão, devidamente aplicáveis aos desvios das passadas de todos os transeuntes. Zietzsche agradece, aplica o modelo padrão de cálculo de desvio padrão e chega a uma média de 2,5 centímetros e uma mediana de 2,8. Aplica então o modelo adaptado pelo dito anteriormente, chegando a uma média de 2,55 e uma mediana de 2,95 centímetros. Conclui então, visivelmente excitado, que realmente a margem de erro parecia ter diminuído bastante. Lembra-se estar atrasado para o encontro, e murmura algumas reclamações em italiano.

O sistema de caronas civil parecia estar em ordem, nenhum trânsito. No painel, o desvio máximo no número de carros por minuto apontava 6 carros/minuto entre a mais movimentada e a me-

nos movimentada das ruas da cidade. Zietzsche entrou no primeiro carro pintado no estilo barroco que apareceu, sem dúvida era obra de um pintor contemporâneo, pois eram visíveis os traços de vermelho alongados. Tocava Brahms. Com o atraso compensado, Zietzsche pôs-se a pensar como era inteligente o germânico que lhe apontara o novo modelo de cálculo do desvio padrão. Naqueles tempos, todos sabiam que o mais preciso idioma para falar de matemática em geral era o tailandês, mas poucos tinham ciência que a simbologia fônica do Fuegian transmitia muito melhor noções de estatística precisas. Era um culto.

Em menos de 37 zits ele chegou ao prédio da conferência, na rua, um mendigo esboçava versos de Paulo Coelho por alguns trocados. A maioria dos transeuntes não concedia esmolas, mas Zietzsche havia recentemente concluído que para a economia mundial era mais produtivo dar uma esmola a um mendigo que a um processador financeiro. Num grande letreiro em frente ao prédio, lia-se uma frase de Dostoiévski, acompanhada de uma Matriz quadrada. Zietzsche observou a frase: "Bela", e pôs-se levianamente a pensar no último inverno, que passara com suas namoradas nos montes Urais. Tinha claro na memória o momento em que citando conjuntamente poesia erótica do século XIX durante uma orgia eles conseguiram quatro or-

gasmos concomitantes. Parecia que apenas a memória lhe faria gozar, e sua visão já há muito difundira a frase de dostoiévski no chalé onde passara o inverno. Podia sentir a beleza trágica da arquitetura do chalé, sem com isso perder o vigor da excitação que aquela orgia trazia à memória. Incontido, gozou. Recuperando os sentidos, olhou para seu pênis. Estava nu, em frente ao prédio, calçando não mais que seus tênis e o bloquinho de papel usual. A pequena mão que ainda carinhosamente acariciava seu falo era de uma garota, visivelmente satisfeita por ter sido de valia para um homem tão mais velho, Zietzsche agradeceu a garota, que saiu cantarolando Bob Marley e acendendo seu cigarro de maconha. Estava atrasado novamente.

Recompôs-se, observou a matriz, e decifrou o padrão de uso. Cada número equivalia a uma sílaba da frase de Dostoiévski, e o produto de duas sílabas quaisquer eram a distância entre essas sílabas na frase. Selecionando apenas as sílabas destacadas, lia-se "Este prédio é obra de Carla Shimuisin Yang, criadora da arquitetura poética e da arquitetura fractal, foi concebido no início do século XX". "Ora, mas que honra" pensou, quando que ele se imaginaria num prédio concebido por Carla Shimuisin? Subiu.

(TO BE CONTINUED)

O seqüestro da sátira na poesia brasileira

Victor Walter Victor, na esteira da luta (2º ano Letras) - enviado por Daniel Ávila (04) — o caso D. Ávila

A sátira sempre foi um elemento de crítica e brincadeira ao mesmo tempo, desde tempos mais remotos. Aqueles que trabalharam com este elemento (q tem dois pólos de alcance ao receptor: o riso ou a raiva) sempre foram discriminados pelos discriminadores de arte. Ou seja: aqueles q a dividem entre arte menor e arte maior. Aristóteles já bradava contra a comédia chegando a dizer que em comédia não havia invenção, pois ela trata-

va de seres comuns reles simples: gente como a gente. Gregório entre nós foi massacrado por uns poucos de seu tempo e mantido no escuro por bons anos por causa de brincadeiras (com um tom seriíssimo e alto teor de invenção) por gente que nem sequer entendia de poesia para julgar aquilo como maior ou menor (Aristóteles errou, mas sabia das coisas). Oswald (ele mesmo, o autor de Serafim e Miramar) foi escoraçado por

uns tantos da gloriosa faculdade de direito do Largo São Francisco por ter dito em tom de piada em seu não menos satírico jornal O HOMEM DO POVO que a tal faculdade seria um "crivo q afundaria o estado brasileiro". O mesmo Oswald nunca foi aceito para dar aula na saudosa FEFELEITE por causa do desdém para com seu nome lá dentro. Também em tom de brincadeira Oswald chamou a turminha sociológóide da dita fa

(continuação)

culdade de “chato-boys”. Joaquim de Sousândrade, o genial poeta maranhense foi expulso da Inglaterra vitoriana por criticar a monarquia num jornal inglês numa época em que ninguém falava mal da rainha. O músico (dos grandes músicos) norte-americano Frank Zappa candidatou-se à presidência em seu país só para provocar o eleito que sairia dois anos depois sob o sol de watergate, o grande Richard Nixon. Outro professor universitário, um psicólogo famoso chamado Thimoty Leary, candidatou-se ao governo da Califórnia tendo como base de governo a proposta de jogar psicocibilina nas caixas d’água de todo o estado. Orson Welles enganou metade do país ao anunciar no rádio uma invasão marciana na Terra, quando na verdade lia um trecho de um romance médio chamado “a guerra dos mundos”, de

HG Wells. O humor sempre foi colocado de lado quando o assunto era arte. Ah, a seriedade dos artistas. Flaubert uma vez disse: “quando é que nós seremos artistas somente artistas nada mais do que artistas?”. E Flaubert de sério só tinha o bigode. E tirando estes exemplos sobriam ainda tantos que usaram a falta de senso (nonsense, o termo em inglês criado para definir uma ausência de senso dentro de códigos criativos) para criticar e atacar o que não cabia no momento e/ou não prestava mesmo. E às vezes a sátira vem ingênua, quase boba, mas agri-de. O genial equívoco ingênuo de shxpr: to be or not to be. A fantástica resposta de Daniel Ávila aos q cobravam deste bom senso na escrita: **BOM SENSO DE CÚ É ROLA**. Em toda a sua ingenuidade esta é uma frase de efeito enorme. Porque na arte importa o que não é arte. Na poesia importa o que não é po-

esia. não é num jornalzinho de faculdade que vamos chegar a alguma conclusão sobre o q é ou não é arte; sobre o q é ou não é criação. Eu queria só dizer ao Ávila que se for pra retirar o que disse pelo bem deste jornal, só para a coordenação acadêmica voltar a dar dinheiro pra isso, esqueça. Mande a merda o bom senso e este jornal juntos. Eles nunca vão te levar a nada. Sem liberdade ao menos na teoria não dá. Censura reacionária e vulgar a algo que não choca nem criança. Essa gente que critica algo assim não pode ser levada a sério nem por mim nem pela massa nem por ninguém. Cobrem bom senso da coordenação desta faculdade q censura o q vcs dizem. Abram os olhos. Vejam com olhos livres. Estas frases atacando o Ávila vão parar algum dia no máximo num tolicionário da estupidez humana do Flaubert.

Esse texto, apesar de exceder os 5000 caracteres oficialmente definidos nas regras da CO, está sendo publicado na íntegra por ser um documento oficial e sendo assim não pode ser alterado ou editado”

CO do BOCA

“Multipliquei-me, para me sentir

*Para me sentir,
precisei sentir tudo,
Transbordei”*

(Fernando Pessoa)

Mário Carvalho (03)

Os problemas que a gestão *Instinto Coletivo* enfrentaria internamente estavam anunciados desde antes de tomar posse. Isso porque havia grandes diferenças políticas e até de método entre seus integrantes, notadamente, entre os campos políticos que compõem a gestão (Kizomba, Contraponto, MTL). Entretanto, quando da formação da chapa, optou-se por secundarizar essas diferenças a fim de dar seqüência a um trabalho no ME da USP que fora iniciado pela gestão *Borandá*, dois anos antes.

Porém, infelizmente, não foi assim que a gestão se desenvolveu. O tal trabalho ao qual deveria ser dada seqüência se perdeu em meio ao esvaziamento da diretoria e à falta de nitidez acerca de uma plataforma política e da conjuntura atual do ME da USP. Além disso, ao contrá-

rio do que era a prática das duas gestões anteriores, a diretoria do DCE se comportou como um fórum autônomo do movimento, reproduzindo, inclusive, todos os vícios pertinentes a espaços assim.

Críticas à gestão

Um dos pontos centrais que nos levam a uma avaliação negativa da gestão é a relação que o DCE optou por estabelecer com os CAs, processo iniciado há dois anos, e do qual sempre discordamos.

Acabou-se construindo uma cultura política de relações “paternalistas” e até “clientelistas” algumas vezes. Os CAs não são tratados como protagonistas do processo político geral da USP, bem como o DCE não está presente na realidade cotidiana dos cursos, e freqüentemente incorre no erro de elaborar pautas e prioridades para o ME que não vêm de um debate coletivo pré-

vio, mas apenas são levadas aos CAs.

Os Conselhos de Centros Acadêmicos, por exemplo, têm sido, há muito tempo, meramente um espaço legitimador das políticas que o DCE propõe, uma vez que a entidade não trabalha para que os CAs protagonizem o espaço, tampouco a construção dessas políticas.

Um reflexo disso foi o Encontro de Estudantes da USP, que aconteceu em maio. O DCE não foi capaz de envolver os CAs nessa construção política, e o resultado (e não apenas da “falta de divulgação”) foi o completo esvaziamento do espaço, que contou com a participação de pouco mais de 30 estudantes.

Outro ponto no qual a direção do DCE tem agido mal é na campanha por democracia na USP. O ME da USP perde muito de sua força política na medida em que essa campanha não é produto de um planejamento coletivo democrático e organizado, mas muitas vezes, eventos ativistas que podem cumprir uma função,

Carta de Renúncia

(Continuação)

mas muito aquém da que seria necessária. Sem falar na relação estabelecida com Adusp e Sintusp, muitas vezes priorizados em relação aos CAs, que em alguns momentos chega a conduzir o DCE por um caminho que prejudica a própria autonomia da entidade na sua relação com os estudantes.

Problemas de diferentes ordens

Nós, da Kizomba, compusemos a chapa *Instinto Coletivo* por entender que era preciso defender o ME da USP do senso comum que, levado ao extremo, questiona a necessidade da organização política dos estudantes, desmobilizando e despolitizando o movimento. Esse pensamento prevaleceu ao longo de duas gestões no DCE, culminando no Congresso dos Estudantes de 2002, quando integrantes da então gestão *Redemunho* chegaram a defender o fim da entidade.

Para nós, da Kizomba, o movimento estudantil precisa inaugurar uma nova cultura política para si mesmo, através da radicalização da sua democracia interna e da compreensão da pluralidade de sua composição, por ser esse um movimento essencialmente de juventude e com muita vocação para dialogar com as massas, como já foi em outros momentos.

Portanto, é importante compreender essa pluralidade da juventude como um combustível, não como uma dificuldade. Incluir o feminismo entre as nossas lutas, a questão GLBT, a cultura, a relação com outros movimentos sociais, ou outras formas de a juventude fazer política, contribui com essa compreensão; e assim, amplia e fortalece o ME.

Porém, embora tenhamos conseguido incluir essa formulação na cartaprograma da então chapa, não foi o que se materializou na realidade cotidiana da gestão.

O Encontro de Mulheres Estudantes da UNE, por exemplo, era uma das maiores apostas da Kizomba para este período, porque o feminismo no ME é uma construção política de suma importância para nós. No Congresso dos Estudantes da USP, aprovamos por consenso o apoio do DCE da USP à reali-

zação do encontro.

Mas a gestão pouco se envolveu nesse processo, passou a acompanhar as reuniões da organização com mais peso somente na reta final, não mobilizou os centros acadêmicos e, ao final do encontro, agiu como se nunca tivesse tido responsabilidade sobre ele. Foi muito ruim que a maior parte da diretoria tenha agido por pura demarcação de espaço, sem fundamentar politicamente suas ações.

Outro espaço cuja construção nos foi cara foi a Semana do MST. A construção da semana não contou com o investimento político do DCE, e a única militante que acompanhou a organização era da Kizomba. Ademais, poucos eram os diretores do DCE que apareciam nos debates.

Num DCE majoritário, não é compreensível que as diferenças sejam atropeladas, ou que se construa política através de uma maioria que se impõe sobre uma minoria. Não deve ser essa a lógica de trabalho que permeia um determinado grupo que optou por estar junto. Mas isso aconteceu por diversas vezes ao longo desta gestão, notadamente quando o

DCE decidiu tirar uma “resolução” de diretoria acerca da reforma universitária, obrigando a Kizomba a encampar uma política da qual discorda a partir de uma votação em reunião de diretoria.

Um outro exemplo foi o tratamento dado em relação a tiragem de delegados para UEE e UNE na EACH, onde em uma reunião de diretoria muitas suspeitas foram levantadas e uma comissão de “averiguação” foi formada. Nenhuma delas relativa à lisura do processo, visto que no credenciamento dos delegados não houve dúvidas por parte de diretores do DCE presentes no credenciamento. Essa comissão é vista por nós como um sério problema político visto que (1) nem se pediu para ter esclarecimentos da pessoa da gestão que ajudou a tirar esses delegados antes de se montar a comissão; (2) esse caso foi usado em outras universidades por diretores da UNE ligados aos campos que compõe do DCE contra a KIZOMBA; (3) mostrou grande falta de respeito com os/as delegados/as da EACH ligada

a reafirmação de um paternalismo político do DCE em relação aos estudantes.

Por tudo isso, torna-se inevitável uma ruptura. Queremos construir uma nova cultura política para o ME justamente por querer pautar a complexidade do movimento hoje, as questões nas quais ele está inserido e o que mais ele engloba.

Os fóruns da entidade, as relações internas e externas, tudo isso nos leva a perceber que nosso tempo na gestão se esgotou, porque se esgotaram as condições de construir essa nossa identidade por aí. Nossas diferenças na política e no método, em larga medida, sufocaram as razões pelas quais construímos juntos a chapa e a gestão *Instinto Coletivo*, como tínhamos construído a *Borandá* e a *Travessia*. Não podemos mais compactuar com a fomentação de uma cultura política que, muitas vezes, contraria o que acreditamos. A política que defendemos não tem tido espaço no DCE que compomos, de maneira que nos resta a opção de desejar sorte aos que ficam e criar novas formas de fazer política como achamos que ela deve ser feita.

Kizomba

10/06/05

Obs.: A Kizomba é um coletivo do movimento estudantil que, na USP, tem pessoas de vários cursos. Os diretores e as diretoras que renunciaram ao DCE e fazem parte da Kizomba são: Claudinha (Direito), Gustavo (Ciências Sociais), Mario (Psicologia) e Tica (Ciências Sociais). Além desses a Livia (Direito), que não é da Kizomba, também renunciou pelos mesmos motivos.

Espaço em Branco

Entrevista ex-membro da CO do BOCA

Guilherme Gibran Pogibim (98)

Conheça a história do Nosso Boletim

BOCA: Guilherme, você fez parte da Comissão Organizadora do BOCA de 2001 a 2004. Você poderia falar um pouco pra gente sobre como era o BOCA no tempo em que você foi da CO?

Guilherme: Bom... eu entrei na PSICO em 98 e claro, o BOCA já existia nessa época e ele era muito esporádico, não tinha uma periodicidade de publicação fixa, dependia muito, na verdade, do Daniel que era quem tocava o BOCA na época, de ele querer ou não fazer. Eu não sei direito como era a organização do BOCA. Eu sei que era o Daniel que estava nessa comissão. Inclusive, se não me engano, na época era Conselho Editorial que se chamava, não era nem Comissão Organizadora. Um negócio jornalístico mesmo. Isso acho que foi durante 98...99. Se não me engano, a gestão do CA de 2000 pegou o BOCA assim que o Daniel saiu, então eles fizeram um BOCA que era um negócio meio... uns textos de fofoca, de festas que tinha rolando na PSICO, mas um pouco já com a proposta de todos os alunos da PSICO poderem escrever, encaminhar para a Comissão Organizadora. Na verdade, de 98 a 2000, eu não sei como funcionava direito a Comissão Organizadora, o Conselho Editorial, seja lá o que se chamava na época, mas eu gostava de ler o BOCA, eu sempre pegava quando saía. Eu lembro de sair muitas notícias da Atlética, do INTERPSICO, acho que saiu alguma coisa da inauguração do bloco de atendimento, o Bloco D que foi inaugurado em 98. Em 98 também morreu um funcionário que estava construindo o Bloco F, que é o bloco mais novo da PSICO. E em 98 o bloco estava sendo construído e caiu a laje em cima de um funcionário que morreu. Acho que isso foi publicado no BOCA também, se não

me engano. Mas eu gostava de ler o BOCA mas não me sentia convidado a escrever, não sei porque. Não sei se na época eles faziam ou não o convite, se era explícito no próprio BOCA que todo mundo pode publicar, eu não me lembro de ter acompanhado essa discussão, mas isso dependia muito também do meu momento no Instituto de Psicologia. Veio 2000, eu estava no terceiro ano e teve uma greve na PSICO e essa greve na verdade foi muito importante para mim, para minha formação dentro da Psicologia. Foi quando eu comecei a ter contato com o Movimento Estudantil, com o Centro Acadêmico, com o DCE, a ficar mais atento a esse tipo de discussão, de movimentação política da USP, da PSICO, etc. Assim que terminou a greve eu comecei a acompanhar mais de perto o que estava sendo feito no Centro Acadêmico. Entrou uma nova gestão no CA que foi uma gestão muito marcante para mim, com uma participação bem ampla dos alunos da PSICO. Eu lembro de reuniões do CA com 30, 40 pessoas. E foi nessa gestão que se chamava "Falo porque quero" que eu lembro de ter havido uma discussão de reformulação do BOCA, então eles vieram com uma proposta de fazer um BOCA em que todos eram convidados a escrever, fazer com que as informações circulassem na Psicologia. Aquela gestão do Centro Acadêmico estava inclusive com uma proposta de ser um centralizador das informações das diversas entidades do NAC, do Cursinho, Atlética, etc. e o BOCA seria um veículo usado para fazer circular essas informações. Houve uma discussão na qual eu não participei, mas que me contaram, que foi bastante acalorada que era justamente, esse foi o termo usado na época, em relação a censura: tudo

bem, estamos dispostos a fazer um BOCA e convidar todos os alunos da PSICO a escrever, fazer as informações circularem e qualquer coisa vai poder ser publicada? Teve uma reunião do CA que foi quente e decidiu-se no final que não iria haver nenhum tipo de censura, tudo que fosse enviado para a Comissão Organizadora iria ser publicado. Com mais força em 2001 comecei a participar da gestão do CA, a ir as reuniões, já acompanhava toda a movimentação. Acho que já comecei a ir a Conselhos de Centros Acadêmicos e entrei meio por acaso também na comissão do BOCA e na época quase todas as pessoas que faziam parte do BOCA faziam parte do CA também, era uma coisa muito próxima, muito íntima, quase indissociável. Acho que era o Tiago, o Nivaldo, o Gui Scandiuti, a Mari Amaral e a Jú Bresquiliari que não era do CA mas fazia parte do BOCA. E mais ou menos na época em que eu entrei acho que entrou o Batata também, que não era do CA, mas foi mais ou menos na época. No começo eu fazia a agenda do BOCA. Na época tinha uma coisa que era a agenda, então eu olhava nos murais da PSICO, entrava em sites do CRP, da USP em busca de eventos que pudessem ser interessantes para ser publicados no BOCA. É engraçado que o critério era meu assim. Acho que uma única orientação que foi discutida na época era procurar não publicar cursos pagos, não fazer propagandas, em outras palavras. Então mesmo algumas pagas que eu achava interessante eu colocava na agenda. E terminou essa gestão do CA em setembro de 2001. É engraçado porque eu lembro que o debate das chapas foi até no 11 de setembro, no dia da destruição das Torres. Mas, enfim, essa gestão terminou e entrou uma nova gestão

(Continuação)

da qual eu fazia parte junto com algumas outras pessoas e conforme terminou a gestão do CA as pessoas saíram do BOCA. Então o BOCA ficou mais comigo, Batata e na época estava entrando o Renato Tardivo e o José Israel. A Lets também fazia parte do BOCA e do CA mas um pouco mais no começo da gestão do CA, mas logo depois ela saiu e ficou apenas eu como ponte entre o CA e o BOCA. Esse movimento de distanciamento do CA em relação ao BOCA identifiquei que aconteceu mais ou menos nessa transição de uma gestão para outra em 2001. Começaram a entrar novas pessoas no BOCA e a idéia se manteve, de publicar o que viesse. Foi mais ou menos assim desde essa época marcada pelo distanciamento da Comissão do CA da Comissão do BOCA. Em 2002 eu saí do CA, entrou uma nova gestão e não ficou absolutamente ninguém da gestão do CA no BOCA. Se ainda tinha antes em 2001/2002 eu como ponte, até isso deixou de ter em 2002, setembro de 2002 que foi quando entrou uma nova gestão. Talvez em 2002 ou 2003 eu lembro de algumas discussões

da Comissão Organizadora do BOCA que a gente não se sentiu confortável em resolver, eu nem me lembro quais eram as questões, para falar a verdade. Mas a gente achou pertinente levar para a reunião do CA porque afinal o BOCA é o boletim do Centro Acadêmico. Inclusive tinha um questão que era publicar Boletim Oficial do Centro Acadêmico, até que num certo momento a gente resolveu tirar o Oficial, por conta deste distanciamento. Mas aí a gente levou duas vezes alguma questão para o Centro Acadêmico que eles devolveram a bola para a gente. Falaram: não, vocês resolvam, vocês são da comissão do BOCA, acho que a gente não tem que discutir isso, vocês têm autonomia para resolver essas questões. Acho que a partir daí ficou marcado, ficou óbvio que o BOCA estava separado do CA, mesmo se chamando Boletim do Centro Acadêmico. Foi uma coisa que eu sempre defendi que o BOCA se reaproximasse do CA, mas foi uma gestão muito conturbada do CA, essa 2002/2003. O próprio CA não conseguiu funcionar direito, a gente no BOCA até se vangloriava porque “não, o BOCA é a única entidade

que funciona direito aqui na PSICO, olha o CA, os caras em crise”, mas em tom de brincadeira, mas, enfim, o BOCA funcionava até por ter uma sistemática muito definida que é a questão de definir as regras, por exemplo, as regras de publicação que nunca foram impeditivas em sentido de conteúdo, volta e meia essa discussão voltava mas a gente se mantinha firme com essa posição no BOCA, “vamos publicar tudo, qualquer coisa”. Eu lembro até que em determinado ano eu e o Roberto (Roberto fazia parte da Comissão do BOCA, Roberto de 2002), a gente escreveu um texto para os bixos sobre o BOCA, e a gente escreveu: vocês podem mandar qualquer merda mesmo. A gente escreveu isso no texto sobre o BOCA para os bixos, e a gente levantava essa bandeira. O BOCA é expressão dos alunos, se vier merda é porque tem merda na PSICO, vai ser um diagnóstico disso. Mas a gente defendia que o BOCA devia ser o veículo de expressão de qualquer aluno da Psicologia, e depois isso se estendeu para funcionário, professor, etc, o Bossi que passou a publicar seus poemas, e a gente sempre foi partidário disso.

(continua)

Lembranças da Iara

1. Uma representante do NAC (Núcleo de Ação e Crítica) pediu ao CA uma cota de xerox para a publicação de um manifesto sobre a atual situação do BOCA com o objetivo de contribuir com a discussão que vem ocorrendo.
2. Questionou-se a possibilidade de publicação de tal manifesto no próprio BOCA dado que este é o espaço do CA para publicações internas do movimento estudantil. Uma representante do BOCA afirmou que poderia ser feito um BOCA especial com textos do NAC.
3. Em resposta, o NAC afirmou que o manifesto não tem o objetivo de tornar-se um artigo do BOCA, nem substituí-lo enquanto boletim. Tem uma especificidade própria que demanda exclusividade na publicação.
4. Questionou-se a prioridade da discussão da cota ao NAC dado os últimos

acontecimentos (mobilização dos professores e carta ao CA afixada no bloco de aulas). Decidiu-se por votação que a prioridade da reunião do CA era discutir a carta da Congregação e inclusive se o BOCA sairia ou não essa semana (13 votos favoráveis) ao invés da cota de xerox ao manifesto do NAC (8 votos).

5. Houve leitura da Carta Aberta dos Docentes do Instituto de Psicologia que repudia as matérias do BOCA. Houve queixas quanto à dificuldade de diálogo com os professores. A direção desmarcou uma reunião do CA com a diretora que ocorreria sexta-feira (17/06).
6. Levantou-se a necessidade de conduzir a discussão do dia 20 de modo digno e sereno, reduzindo-se o clima de tensão e sem a pessoalização dos conflitos. Deve-se levantar todos os mal-entendidos. Estudantes aponta-

ram a importância de sustentarem sua posição enquanto categoria, garantindo a pluralidade de posições políticas dentro do ME. Este momento deveria ser importante para o fortalecimento do CA e a manutenção de sua autonomia.

7. Pretendeu-se construir um texto considerando a historicidade dos eventos relacionados ao BOCA. Questionou-se a atual situação dos textos desse boletim e a formação acadêmica no IP.
8. Dado que a discussão encerrou às 15h, convocou-se uma reunião excepcional na quarta-feira (dia 15/06), ao meio-dia, na qual estabeleceu-se como primeiro ponto de pauta a discussão acerca da cota de xerox ao manifesto do NAC.
9. Participaram da reunião 27 discentes.